

**Bombay & Goa – A Bird’s Eye View**

um filme de **Edila Gaitonde**

*Realização, Produção, Fotografia* (Super 8 mm), *Som* (magnético), *Montagem, Narração*: Edila Gaitonde (Índia, 1970? – ano atribuído, por verificar) *Voz*: Betty Prosser *Título na cópia*: BOMBAY & GOA A BIRD’S EYE VIEW *Cópia*: ficheiro digital (material original em película Super 8 mm), cor, com narração em inglês e legendas electrónicas em português, 12 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca*.

**As Maças Azuis / 2022**

um filme de **Ricardo Leite** com **Edila Gaitonde**

*Realização, Argumento*: Ricardo Leite *Imagens em 8 mm e Super 8 mm*: Edila Gaitonde *Fotografia*: Pedro Neves *Som*: Ricardo Leite, Pedro Neves *Montagem*: Tomás Baltazar *Música*: Alban Berg, Haydn *Músicas retiradas dos filmes de Edila Gaitonde em som magnético (gravações pessoais)*: Tchaikovski, The Tune Wranglers, Joseph Haydn, Alban Berg *Sons adicionais e entrevistas recolhidos de gravações pessoais de Edila Gaitonde* *Misturas de som*: Maurício D’Orey *Digitalização de película* (8 mm e Super 8 mm): Ricardo Leite, Pedro Maia *Pós-produção de imagem e correcção de cor*: Pedro Neves *Imagens de arquivo*: RTP, Getty images (“Mr. Kaul on the Indian action in the Portuguese territory of Goa”) *Cartaz, Grafismo*: André Coelho *Com*: Edila Gaitonde *Narração radiofónica, Entrevista radiofónica (TSF)*: Fernando Alves *Voz off*: Ricardo Leite.

*Produção*: Red Desert (Portugal, 2022) *Produtor*: Pedro Neves *Assistente de produção*: Liliana Lasprilla *Cópia*: DCP (4K, a partir de imagens Super 8mm, 8mm, SD Video), cor e preto-e-branco, falada em português e inglês com legendas em português nas passagens em outras línguas, 83 minutos *Primeira apresentação pública*: Porto Post Doc 2022 *Primeira apresentação na Cinemateca*.

BOMBAY & GOA – A BIRD’S EYE VIEW tem título e indicação de fim como indicações únicas de genérico, conforme o seu formato e modo de produção “artesanal” ou “amador”. Os créditos acima indicados correspondem aos dados conhecidos sobre os filmes, concebidos, filmados, montados por Edila Gaitonde. Este filme foi datado por aproximação, tendo por referente a data de uma viagem de Edila Gaitonde a Goa no início dos anos 1970. No comentário em *off*, há a indicação do ano de 1983 como o do regresso à Velha Goa, o que tanto pode significar que existiram duas versões do filme, diferindo a data da captação da imagem e a montagem da banda sonora, como que as imagens foram captadas em 1983. A seu tempo, o acesso aos materiais originais em película, com as respectivas marcas de *stock*, pode permitir datar o filme com mais precisão.

A apresentação em ficheiro digital do primeiro filme da sessão apresenta um ruído de fundo constante decorrente das condições de projecção na sala | duração total da projecção: 95 minutos | **com a presença de Ricardo Leite**

---

“O meu pai [que escrevia para os jornais] opôs-se a certas coisas que Salazar mandou, ou fez. Pronto, bastou isto, para ser chamado à linha e ter dado como castigo anos fora do serviço sem ordenado nem nada. Era de uma malvez terrível. Terrível. As pessoas nem sabiam, porque não se podia falar. Era tudo à boca fechada. Mesmo dentro das famílias não se podia discutir nada. Olhava-se sempre para aqui e para acolá, como se estivesse sempre alguém a ouvir. Mas que coisa.”

“Acabámos por ter a independência [em 1961]. Foi para isso que se lutou e foi para isso que se passaram tantos anos de serviço incansável. Dos *freedom fighters*. O meu marido era o principal. [...] Os goeses também queriam ser era goeses, não chineses ou turcos. Nós fomos para Goa, eu fui libertada pelo meu marido, por aquele grupo de goeses que lutou pela Independência. Quando se deu a Independência de Goa, *finally!*... Somos livres. E recebi também, de todos aqueles *freedom fighters* à minha roda, uma espécie de parabéns, a aceitação da independência.”

“[...] sobre o seu livro *A Cruz de Fogo*] Eu queria escrever um livro que representasse bem o que foi viver no tempo, no século XVI, naquelas colónias como Goa, o que era a vida lá e o que era a vida em Portugal com a perseguição aos judeus, entre os quais havia um dos grandes cientistas do século XVI em Portugal, Garcia de Orta.”

É uma inspiração saber da passagem neste mundo de pessoas como Edila Gaitonde (1921-2021), a açoriana do Faial, filha de professores e músicos amadores (Silveira Brum, da parte da mãe, Dutra de Andrade, da parte do pai), que cresceu a dançar a valsa com o pai, viveu na Índia, para onde partiu em 1948, e depois em Inglaterra, durante décadas, inventando maneiras de ser e estar. Note-se, necessariamente, que com uma liberdade imune aos “bons costumes” da ditadura do Estado Novo e à ficção colonial que o regime português alimentava com violência. Casada em primeiras núpcias com Pundalik Gaitonde, o médico e activista da causa independentista indiana goês, hindu, que a tratou em Lisboa, onde adoeceu quando para aí foi estudar piano no Conservatório de Música, em 1943, Edila foi “realizadora amadora” de cerca de duas dezenas de filmes fabricados artesanalmente em 8 e Super 8 mm.

Perto de cinquenta, dizia ela: filmava quando viajava, planificando quando preparava a viagem, e escrevia o comentário no fim, que uma amiga próxima, gaulesa, Betty Prosser, depois lia e gravava para que Edila então misturasse numa banda magnética com música que havia de correr com as imagens. Percebe-se que a sua alma curiosa encontrou no cinema amador um outro meio de expressão, e que o levou a sério, com sensibilidade para as imagens e os sons, construindo narrativas em filmes de que pode ter havido várias versões, tomando à letra um reparo seu num dos planos d’AS MAÇÃS AZUIS em que é filmada face a projecções caseiras. Fica explícito que esses filmes documentam lugares e motivos da vida de Edila, nos Açores, em Lisboa, em Bombaim ou em Goa e Nova Deli na Índia, ou em Londres, no Reino Unido. Apresentado a abrir a sessão, BOMBAY & GOA – A BIRD’S EYE VIEW é um desses filmes, que Ricardo Leite resgatou e integrou, digitalizados, no retrato AS MAÇÃS AZUIS, felizmente prolífero em imagens e sons de Edila Gaitonde.

A visão panorâmica de BOMBAY & GOA – A BIRD’S EYE VIEW, filmado na costa oeste indiana, assume a visita às duas cidades, ao grande porto de Bombaim, a grutas, aos campos, a Velha Goa, como um registo ancorado na História, na tradição e na cultura. Ao mesmo tempo, a voz *off* sinaliza a faceta diário de viagem, fixado num Dezembro, pelo menos a filmagem em Goa – “Em 1983, quando voltámos a Velha Goa gostei de ver que os edifícios haviam sido pintados e que toda a zona envolvente [as ruínas do Palácio dos Vice-Reis, tido como o coração do “Império português” no Oriente por mais de três séculos] estava bem-arranjada. Mas, a estátua de Camões fora removida do centro da Praça. A evidência do Império português foi removida, mas, estranhamente, não a do padre jesuíta Francisco Xavier, que trouxe a Inquisição para estas terras. Hoje é venerado, numa missa ao ar-livre, como o apóstolo da Índia e o patrono dos goeses cristãos.” No filme de Ricardo Leite, que inclui este excerto de Edila Gaitonde, é explicitado como a par da defesa da causa independentista, a questão religiosa era, foi, premente, na vida de Pundalik. E portanto, também, na da sua mulher portuguesa, que o acompanhou em Goa, voltou com ele para Lisboa com destino à prisão do marido no Aljube, na sequência de um “Eu protesto!”, e com ele regressou, após a Independência, em 1961, a Goa. Então, atravessaram novas dificuldades que os fariam desembarcar em Inglaterra, onde Pundalik se vem a dedicar à investigação científica.

Ricardo Leite retrata com justeza a singularidade da história de Edila Gaitonde no seu filme AS MAÇÃS AZUIS, centrando-se no intenso período da sua vida ao lado de Pundalik, as décadas em que viajou e filmou, a partir de encontros com a protagonista que conheceu aos noventa e cinco anos, depois de saber da sua vida numa entrevista radiofónica de Fernando Alves, cuja voz é outra das âncoras do filme. Acrescente-se à nota biográfica que Edila foi pianista, professora de piano, apresentadora de rádio, tradutora (em 2018 foi uma das tradutoras de *A Libertação de Goa: a visão de um participante da história*, de Pundalik D. Gaitone, publicado na Tinta da China), autora de dois livros – *As Maçãs Azuis: Portugal e Goa, 1948-1961* e *A Cruz de Fogo: amor e ódio em Goa no tempo de Garcia de Orta* (ed. Tágide, editados em 2011 e 2013). Em MAÇÃS AZUIS, os seus filmes destacam-se do material de arquivo, sobretudo actualidades, que alinham o retrato individual com o do século XX que Edila viveu desempoeirada em grande actividade, com muitos interesses, consciência política e resistência, inquietude e capacidade de adaptação, uma liberdade de pensamento e movimentos rara na sua condição e ponto de partida: uma mulher no Portugal insular dos anos 1920.

É a Fernando Alves que ouvimos contar a história da lenda das maçãs azuis, dando a palavra a Edila que refere um conto nórdico. Se era verdade que aí as maçãs eram azuis? Era uma vez um rapaz pobre e uma rapariga abastada que casam porque, apaixonado, ele exagera na descrição da sua terra em que a prosperidade era tal que até as maçãs eram azuis, coisa que, uma vez casada, a rapariga não desdiz em cartas à mãe inquieta. É também Fernando Alves que apresenta Edila no princípio do filme de Ricardo Leite, dobrando a experiência inicial deste. Depois das imagens nubladas das ilhas ao som dos pássaros, fundido com o das ondas de rádio, ouvimos o conhecido radialista, fundador da TSF, autor e apresentador do matinal “Sinais”, que contou inúmeras histórias em modo de crónica de rádio – voltamos ao princípio do texto:

“Edila nasceu numa família tradicional do Faial há mais de noventa anos [...] foi a primeira mulher portuguesa, católica, a casar com um hindu. A relação é vista com muitas reservas de ambos os lados. O casamento civil é celebrado com um almoço no Forte de Peniche, onde amigos e companheiros de luta de Pundalik estão presos [tal como Álvaro Cunhal, que não é explícito se terá sabido do almoço de caril preparado pelos prisioneiros para festejar o casamento que visitou o Forte certa tarde]. Em Goa, para onde viaja com o marido, Edila é vista pelos portugueses como uma traidora, uma europeia que veste sari e frequenta os meios anti-salazaristas e nacionalistas indianos. E pela comunidade hindu como uma católica e uma impura. Depois da libertação, o marido, que ascende à presidência do Congresso Nacional de Goa, será o primeiro representante hindu no parlamento de Nova Deli. Solidária com a luta de Pundalik, Edila há-de mergulhar nos formidáveis tumultos da mudança histórica em Goa, e na Índia, conhecendo de perto Nehru em cujo piano chega a tocar nos muitos recitais que faz em toda a Índia. A saga de Edila Gaionde está contada num livro notável de sua autoria, *As M...*” O ruído da frequência radiofónica introduz nesse momento o título do filme, igual ao do livro de Edila.

É fascinante seguir o documentado retrato de Edila por Ricardo Leite, com os timbres da voz de Edila em várias idades, a inteligência do seu discurso, o raciocínio ágil, a vida cheia e a resistência, as muitas experiências improváveis, a graça da única coisa a que não se habituou na Índia e lhe fazia dores de cabeça – a música indiana, que não entrava nos ouvidos de uma amante de música clássica. E também a voz quebrada pelos anos da centenária cheia de vitalidade, um riso contagiante que, aos leitores de Agatha Christie, pode lembrar a jovialidade de Miss Marple. Numa das passagens em que *AS MAÇÃS AZUIS* se detém na luta pela Independência de Goa face à repressão das autoridades portuguesas, Edila é lapidar quando exemplifica com a caricatura de Leça da Palmeira por hipótese extirpada à soberania portuguesa. Noutra, a integração de imagens de arquivo de “Mr. Kaul on the Indian action in the Portuguese territory of Goa” (material de arquivo da Getty Images, acessível sem corte no Youtube, vale a pena ver), pode ouvir-se a clareza desse outro testemunho contemporâneo da resistência de que os Gaitonde participaram activamente – “Nas Nações Unidas, o colonialismo português em particular é discutido há vários anos, mas Portugal tem receio de revelar informações ou discutir este problema porque acredita que todas as colónias são extensões de Portugal. Uma ficção jurídica que o resto do mundo não aceita.”

Num dos momentos felizes de *AS MAÇÃS AZUIS*, até em contraponto com a mágoa de o patriarca que certa vez regressou a Lisboa dizendo ao seu pai que ela era “a vergonha dos portugueses em Goa”, Edila conta a travessia da Índia para Portugal com o marido preso – em casa, ponto de honra de Pundalik que aí se dirigiu para que a polícia lá o prendesse – rumo ao Aljube e como o comandante do navio lhes garantiu o conforto de um camarote e a liberdade de movimentos no barco até Lisboa porque no seu navio mandava ele. “A grandeza daquele homem”, nota justamente Edila, também diz como a resistência quotidiana é uma lição.

Maria João Madeira